

BRASIL - PORTUGAL

1 DE JANEIRO DE 1907

N.º 191

No Monte Sinai



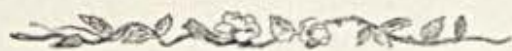
Entrega do... Velho Testamento

O «Brasil-Portugal»

1907

A Direcção d'esta Revista, que vae completar oito annos de existencia, saúda fraternalmente os seus collaboradores litterarios e artisticos, os seus assignantes e os seus leitores, todos, em fim, que tem cooperado para o desenvolvimento e para o exito do BRASIL-PORTUGAL.

Ao entrar no anno de 1907 ella faz votos sinceros pela longa vida e plenas felicidades d'aquelles que a tem estimulado com a sua sympathia e fortalecido com a sua coadjuvação.



A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

XVIII

Natal e Anno Bom. As festas do fim d'anno. Nas ruas e nos lares. Os felizes. Mães e bebés. O ultimo passeio dos perús. A festa de familia. Os que riem contentes do presente e os que choram saudosos do passado. Dão-se boas-festas mas não se aceita retribuição do cumprimento. — A nova sessão legislativa. O projecto de lei regulando a liberdade de imprensa.

Natal! Anno Novo!...

Tendo de escrever este artigo entre duas datas tão festivas, sinto uma difficuldade enorme em recordar o que se passou n'estes ultimos quinze dias. Porque? Porque o meu espirito esteja preocupado com o que tem de vir, com o que tem de succeder? Não; porque n'esta hora de transição em que um anno agonisa, deslizando suavemente os seus lindos dias pela garganta estreita da ampulheta do Tempo, o meu espirito recua não uma curta quinzena, tão proxima que nem ainda terminou, mas annos, muitos annos, de que os meus pobres olhos enfraquecidos apenas enxergam sombras, na nevoa d'um passado longiquo que os envolve n'um manto de saudades todo bordado a lagrimas.

Natal! Anno Novo!...

O que ahí vae por essas ruas de bulicio, de alegria, de azáfama! Por toda a parte e em todas as direcções correm moços carregados com jigos transbordantes das mais deliciosas coisas que uma insaciavel gula possa desejar. As pastelarias regorgitam: familias inteiras saem, sobraçando grandes embrulhos, lindas cartonagens: são os pudings, os bolos, os bombons para a festa familiar. Cortam o ar festivo do dia lindo os gritos de alegria dos bebés enlevados com os brinquedos com que a bondade materna lhes quiz dar a impressão de serem as creaturas mais felizes da terra n'estas horas sagradas da mais encantadora das festas. Nas vitrines e montras das lojas amontoam-se os chromos representando scenas idyllicas, pares amorosos que se beijam. E em bandos, arrastando-se no ultimo passeio, solemnes, amargurados, n'uma dolorosa nostalgia dos campos, os perús offerecem a sua carne branca e tenra á voracidade d'aquelles que os possam comprar.

Natal! Anno Novo!...

Eis que passam ranchos foliões de improvisadas philarmônicas, lançando ao ar os gritos horriveis dos seus metaes desafinados, parando aqui, parando acolá, saudando este, cumprimentando aquelle, que os creados d'este e d'aquelle não tardam em descer com um embrulhinho de meins coroa para a consoadá.

A's portas dos theatros em festa param carruagens. E' a hora das matinées. Bandos de creanças precipitam-se para as portas na ancia de ver essas maravilhosas coisas de magia: principes que se somem nas entranhas da terra, fadas que se transformam em aves, extraordinarios viajantes perdidos entre blocos de gelos eternos, paizes de sonho onde as flores dançam, fuscantes de luz, calçadinhas de setim, em redor de monarchas resplandecentes de pedrarias e princezinhas enamoradas que suspiram por um lindo pagem que está encantado dentro da casca do monstruoso ovo de um passaroco feio e mau...

Natal! Anno Novo!...

Escureceu a tarde... Pelas ruas escôa uma multidão festiva, os que foram para longe fazer a sua festa, tasquinhar o seu farnel entre risos e beijos, olhares enternecidos e suspiros d'amor e suspiros de saudade, junto dos troncos das arvores nuas ou d'alguna lareira onde os ramos seccos crepitam e a chamma alegre faz estourar as castanhas de saboroso magusto. Nos olhos ha relampagos de audacia e ternura com que o vinho novo galvanisa os mais tímidos e os mais tristonhos. Ha juras d'amor, protestos de fidelidade eterna, trocas de lembranças d'este dia de horas tão curtas, como todas as horas felizes...

Para o anno, se Deus quizer...

Natal! Anno Novo!...

Cessa o ruido nas ruas. Cerram-se muitas portas. A festa continua, porem, mais bella ainda, de maiores encantos, n'uma ternura indefinivel, pois que é agora toda intima.

Em volta da grande mesa coberta com a melhor toalha, enfeitada com as mais lindas flores, resplandecente de luz, a familia agrupa-se, hombro com hombro, tão chegados uns aos outros que se duas cabeças se voltassem na mesma direcção, duas boccas fatalmente se beijarão... Ha um silencio a principio, emquanto a gorda canja fumegante nos pratos vae confortando, ás colheradas, os estomagos.

Mas eis que chega o peru, tostado, impando de recheio... E então começam os risos, os ditos, as allusões, a grasnada das creanças. Grande prestigio o d'esse pobre cadaver assado, que breve desaparece entre garfadas de agridões! E a cabidella, e o arroz doce, e o bolo-rei... Oh, o bolo-rei com a sua fava ou o seu anel de nickel, que tem de indicar aquelle que no anno seguinte ha-de comprar a guloseima!...

Em todas as boccas ha um sorriso, em todos os olhos uma ternura, uma doce paz embala todas as almas...

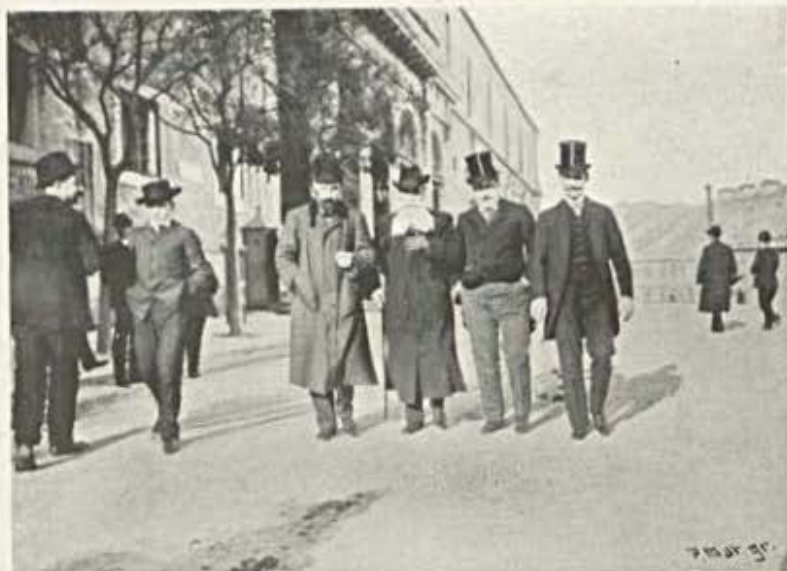
Natal! Anno Novo!...

No ceu Deus Nosso Senhor accendeu os lampadarios de todas as estrellas. E a lua, branca e sagrada como a sagrada hostia, ergue-se no grande altar do azul, resplendente e immaculada, jorrando sobre nós na sua luz pratenda todas as benções da divina misericordia. Anoiteceu. Nos campanarios longiquos um ultimo repique alegre sauda o santo dia que se perde na voragem do tempo. O manto negro da noite envolve as coisas e o sudario roxo das saudades vela por momentos as almas... Quem do alto, na cupula azul do infinito, estivesse attento, ouviria acima de todos os ruidos da terra, um murmuro sahir de labios resequecidos de bocas que os annos e amarguras murcharam: milhões de preces, voando até Deus nas azas da Fé, pelas almas dos que não voltarão mais... Padre Nosso. Avé Maria!...

Natal! Anno Novo!...

Leitor bondoso e meu desconhecido amigo: Boas festas! Dou-t'as de todo o coração. Mas não m'as retribuas. Porque se eu sei que a

Contra a lei de imprensa



A caminho das côrtes

Raymundo de Bolhão Pato, presidente honorario da commissão de protesto da imprensa, portador da representação que em 18 de dezembro foi entregue ao presidente da camara dos deputados — Nuno de Bulhão, Moreira de Almeida, Xavier de Almeida.

felicidade que te desejo é grande, é porque a meço pelo bem a que já não posso aspirar.

A' hora a que este jornal for distribuido, El-Rei terá cumprido o

dever constitucional de abrir uma nova sessão legislativa, Deus sabe para quê.

O governo pretende apresentar às côrtes e submeter à sabedoria d'ellas, cada vez menos illuminada pela Divina Providencia a despeito dos rogos do regio discurso, leis que salvem o paiz e façam entrar nos eixos a geringonça nacional. Uma d'ellas, já em discussão, e a relativa à liberdade de imprensa, contra a qual se levantaram gregos e trojanos no mais solemne protesto.

Escuso de consignar aqui a minha adhesão a esse protesto contra tão revoltante abuso. Ha apenas quinze dias, saindo fora do meu natural caminho, disse, n'este mesmo lugar, de minha justiça relativamente ás violencias do poder contra a liberdade de pensamento, e disse o bastante para me dispensar agora de reeditar palavras tão recentes. Mas como no presente momento historico convem definir situações e sabermos todos qual a attitude de cada um, entendo ser do meu dever declarar muito peremptoriamente que apoz a leitura do famoso projecto de lei me senti bastante vexado como escriptor, mas mais ainda como creatura simploria que um dia acreditou (eu sempre sou de uma força!...) nas garantias de liberdade que lhe prometteram.

Creio piamente que essa monstruosidade será convertida em lei com a cumplicidade de muitos, apezar das boas razões que assistem e serão adduzidas por alguns. Conto já com isso. Assim eu contasse com os quarenta contos da loteria do fim do anno! O que agora me preoccupa não é a lei imminente, que considero já facto consummado. E' a minha situação proxima-futura.

Sim, porque eu tenho de inventar forçosamente uma maneira especialissima de escrever, de transmitir aos outros o que penso sobre o que vai por esse mundo de Christo. E declaro que não alino com ella. A não ser por acenos, todas as outras formas de transmissão de pensamento serão perigosas. A lei de que se trata está arranjada por forma que se eu um dia, em additamento a um d'estes artigos, fizer erratas a um outro, corrigindo erros que a revisão deixa passar, e attribuir esses erros, com muita razão, ao revisor, esse cavalheiro pode chamar-me aos tribunaes por crime de difamação e esfolar-me com uma indemnisação.

Até o presente, a missão da imprensa era dizer e commentar; desde que o projecto seja convertido em lei, será ouvir e calar.

Conformado com este preceito, já fiz correções no dictionario do meu uso. Assim, quem um dia folhear esse calhamaço, encontrará estas emendas:

JORNALISTA. — Veja surdo-mudo.

E mais adiante:

SURDO-MUDO. — Veja jornalista.

Ali defronte, á janella de uma minha vizinha, que é costureira e por signal feia como os sete peccados mortaes, um papagaio parece commentar este caso cantando todo o santissimo dia:

Liberdade, liberdade,
Quem a tem chama-lhe sua...

... Está aqui, está deputado...

CAMARÁ LIMA.



No largo das côrtes

Commissario Teixeira e tenente-coronel Dias



Contra a lei de imprensa. — A caminho das côrtes. — Jornalistas

No 1.º plano: — Theophilo Braga, Magalhães Lima, Oliveira Ramos (do Primeiro de Janeiro), portador da mensagem dos jornalistas do Porto, Consiglieri Pedross, Ferreira Mendes.

Adoração

(A M.^{lle} Alice de P.)

Tremes num suspiro,
Meu ceaste amor,
Sonho a que eu aspiro,
Luminosa flor!

Se meus olhos lanço
Dónde estou occulto,
Nada mais alcanço...
Param no teu vulto.

No teu vulto de ave,
Que fugiu do ninho,
Muito mais suave
Que o frescor do linho

No teu vulto aereo,
Que reflecte vago
Como que o mysterio
Do interior d'um lago:

No teu vulto doce
De criança amada,
Que o destino trouxe
Para a minha estrada.

No desagasalho,
Por onde ando ha tanto,
Onde existe orvalho
Como o do teu pranto?

Porque certamente
O teu seio chora,
Por um bem ausente
No paiz da aurora.

Bem o sinto; passa
Um escuro travo
No logar da graça,
Que me fez escravo...

Como eu me contristo
N'um scismar profundo!
E's a Mãe do Christo,
Que voltou ao mundo?

Lyrio de candura,
A tremer no hastil,
— Onde é que ha figura
Mais primavera!

Florença 189...

Joaquim de Araujo.

O COMICIO REPUBLICANO

16 de dezembro



Dr. Theophilo Braga e Cupertino Ribeiro

acrescentamos ainda, nada mais certo. Ora, é principio, que não podem renegar nem nacionaes-liberaes nem progressistas, a genuinidade do systema representativo e parlamentar. Quer dizer: o governo terá que respeitar os direitos de Reichstag, terá que submeter-se á vontade da maioria, terá em fim de reconhecer até certo ponto a sua dependencia da confiança da camara, que nem sempre está em harmonia com a confiança da corôa. N'estes termos, e dado o espirito altaneiro e conhecidas as velleidades de autocracia de Guilherme II, será possível o accordo que o principe de Bülów quer estabelecer?

É licito duvidar. Para que o governo imperial possa viver com uma maioria composta de elementos liberaes, torna-se necessario que aconteça de duas cousas uma: ou que se submeta o imperador ou que abdique a maioria, e qualquer dos casos nos parece altamente improvavel. Guilherme II jámais se resignará a ser um soberano constitucional, respeitador do direito dos deputados representantes da nação. Os progressistas jámais se decidirão a renegar os principios fundamentaes do credo liberal, prestando-se a ser cúmplices dos inevitaveis golpes imperiaes contra o regimen parlamentar.

Ao menos a alliança entre o governo e o centro catholico era mais natural, porque nenhum dos dois alliados tinha de fazer violencia

ao seu temperamento. *Do ut des* era o principio regulador do pacto e n'este terreno não havia receio de ferir melindres ou susceptibilisar escrupulos. O caso agora muda de figura para o governo imperial, e é por isso que auguramos ao chanceller mais um fiasco. Para um governo sinceramente liberal e disposto sem pensamento reservado a trilhar novo caminho o acto da dissolução do Reichstag teria significado a emancipação da humilhante tyrannia do centro.

Para um governo, porém, manietado pela vontade de ferro de um imperador semi-feudal, a dissolução do parlamento é apenas uma aventura sem outra consequencia, que não seja a de complicar mais ainda a situação interna do paiz.

Não temos tido occasião, por falta de espaço e porque outros a contecimentos mais proximos de nós sollicitavam a nossa attenção, de nos referir ao conflicto que inesperadamente surgiu entre o Japão e os Estados-Unidos, a proposito da exclusão ordenada pelo es-



Dr. Theophilo Braga, orando

tado da California dos filhos dos japonezes que em grande numero habitam este estado, das escolas que os brancos frequentam. Ferido nas suas susceptibilidades de povo civilisado, e offendido no seu orgulho de grande potencia victoriosa, o Japão reclamou contra o que se lhe affigura não sómente um insulto immerecido mas uma quebra flagrante dos tratados existentes entre os dois paizes. O presidente Roosevelt com a largueza de vistas, que lhe é peculiar, interveio no conflicto dando razão á reclamação japoneza e exercendo toda a sua influencia para que o estado da California revogue a medida tomada contra os asiaticos. As auctoridades locais, porém, fundando-se no direito, que lhes assiste pela constituição, de decidirem soberanamente sobre tudo o que respeita á instrução publica, recusam-se a ouvir os conselhos do presidente. O movimento de hostilidade contra os japonezes vae-se estendendo por toda a costa americana do Pacifico, e principia a encerrar-se com inquietadora insistencia a eventualidade de uma guerra entre os dois paizes. O que resultará d'este inesperado acontecimento? Por agora cremos que não se chegará a um rompimento de relações e que de uma maneira ou d'outra a singular disputa se apasguará. Mas fica, sem duvida alguma, o fermento de futuras complicações, e mais cedo ou mais tarde quando ao Japão convier o conflicto ha de renascer, estejamos certos d'isso. O Japão não perdoará facilmente o procedimento que a America acaba de ter para com elle...

Demais, as Philipinas continuacão geographica e ethnographica do imperio do Mikado, lá estão a recordar-lhe a offensa infligida... e a compensação a receber.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Reformas de ensino

Que pena, que um assumpto tão interessante, de tão alta utilidade, mal possa ser versado — como é, e infelizmente continuará a ser, de uso — até por aquelles, cujos estudos, cuja tendencia de espirito, mais se nos affiguram de molde para a realisacão tão almejada e sempre inatingida, do desideratum que se procura obter ha longos annos, desde que na instrucção mais detidamente se principiou a pensar: um plano de en-



Dr. Augusto de Vasconcellos e Dr. Alexandre Braga

sino, abrangendo todos os graus em que este é ministrado e dando plena satisfacão ás aspirações da nossa época!

É insensato o esperarmos de um individuo só, por maiores aptidões que lhe ornamentem o espirito, ou mais prodigiosa a capacidade de trabalho de que possa dispor, tão avantajada empreza; nem se pense como possível a homem de talento excepcional, rodeado de bons collaboradores o inspirar, nos lineamentos geraes que seja, uma obra que ainda ninguem poude conseguir, e nem jámais realisar.

Ainda que sob tal designação se faça correr pelos parlamentos subservientes, ou pelos prelos que da mesma irresponsabilidade gosam, uma reforma não pode ser qualquer producto de cerebro doentio, elaborada de um jacto, em trabalho sobre posse de dias e noites a fio, com a mesma leviandade e despreoccupação do fabrico de qual-

quer projecto de lei. Se assim fôsse, muitas reformas haveria já a registrar.

É tempo de pensarmos — tantas são as desillusões obtidas! — que se não pode esperar de Messias algum da nossa terra o que só de collectividades pode provir e nem apenas ao ensino official teremos de ir buscar collaboradores.

De simples intuição todos reconhecemos que os ramos de ensino não podem viver sem mantarem entre si relações harmonicas, e por



O comicio republicano. — Dr. Affonso Costa, orando

isso o que respeita a um a todos os outros interessa, e tantos são elles, que, na sua complexidade e numero, nenhum legislador pode abraçar, a não ser que, novo Moysés, se proponha ascender para este fim o Sinai.

Um homem encyclopedico, por mais abalisado que fôsse, não poderia ainda dedicar-se a tal faina nas condições em que seria para de-sejar que estivesse sem uns preconceitos que Spencer assignala, e que, mau grado seu, tenderiam a avassalar-lhe o espirito, o pensar e o sentir, muito seus, o espirito de observação por mais desenvolvido que estivesse, não podendo exercer-se senão n'um campo limitado. Do grande prisma só veria, por mais que tivesse visto, poucas faces e será sempre dominado pela tendencia irresistivel de julgar que todas as outras são assim. Ha preconceitos do tempo em que se aprendeu ou ensinou, de systemas, de escolas, do meio social. E até a propria politica, que em todas as coisas se mistura, que se alastra como o escalracho por toda a parte, tambem n'isto entra.

Não se tem reputado entre nós como condição essencial para reformar o ensino o ter vivido no meio em que elle se ministra e, derivando por tal corrente de idéas, podemos até crer que melhor avisados andaremos entregando o governo dos nossos navios a quem nunca foi marinheiro. Ao ver o que se tem passado, parece que estrellia propicia se amerceou de nós, fadando-nos para governar, porque é a unica coisa na nossa terra que não é preciso aprender: e que pelas extranhas tambem se vae notando o mesmo facto dil-o o illustre philosopho, a que precedentemente me referi.

Mas os proprios, que no ensino do ensino vivem, enfermam igualmente da mesma molestia. Individualmente incapazes de o reformarem com proveito, cada um pensa a seu modo e esta bem patente discordancia de opiniões tem dado azo á surpresa das reformas, como se para combater um mal forçoso se tornasse o irmos procurar com afan remedio n'outro mal, de ordinario não menor: e por isso os diplomas legislativos que em longa serie se tem succedido, com uma vida tão ephemera como a das rosas, bem claro nos estão evidenciando esse vicio de origem.

O proprio corpo docente de qualquer das nossas escolas, quer de ensino publico, quer de particular, ao qual seja proposta de chofre a solução de um problema tão complexo como o da reforma do ensino, não direi já em todos os ramos d'este, mas só na parte estricte em que essa collectividade entende, fica assoberbada com elle, e um trabalho enorme, quasi integralmente perdido, se consome em remover pequenos attrictos, para os quaes a vaidade de opinião e o desejo de fazer sobrelevar aos outros o assumpto que se lecciona, não dão o menor contingente. A' força de querermos procurar o optimo, o

qual, como se sabe, é inimigo do bom, não se atina com o que de mais sensato, mas em harmonia com as circumstancias presentes, se pode realisar. Protelam-se as discussões, irritam-se susceptibilidades, escaceia o tempo, todos se cançam e o que se obtem não é de certo o que uma experiencia, devidamente apurada, lograria aconsellar. O que se vence n'estas, como em todas as outras assembléas, em que os homers tem de propôr, discutir e votar, é o que segue a linha de menor resistencia, e que esta nem sempre é traçada pelo bom senso proclamam-n'o eminentes pensadores, e podemos sem esforço de maior ir reconhecendo a cada passo, como simples manifestação de uma lei sociologica bem vulgar.

Se do ensino deve provir a preparação indispensavel para os serviços publicos e particulares, que as exigencias sempre crescentes da civilisação mais e mais vão reclamando, temos de investigar, longa e pausadamente quaes as modificações e as innovações por elles aconselhadas sem nos obstinarmos a executar com precipitação, n'um determinado momento, o que n'elle entendermos por melhor, incapazes de proseguir com invariavel persistencia na execução do plano, que, proveitoso e de seguro alcance, ninguém pode emprender de um dia para o outro.

Não é só aos conselhos escolares que impende a obrigação moral, enquanto outra lhes não for prescripta, de se occuparem de tal assumpto, posto que não possamos deixar de lhes conhecer n'esta materia o mais auctorizado voto, mas a todos os que por devoção ou obrigação tenham de pensar n'elle.

Para conhecer do que mais convém aos diversos serviços publicos basta sabel-os bem desempenhar: por isso devemos ouvir sempre a opinião dos que no trato da vida d'elle tiram bom conselho. A distribuição das materias professadas e uma infinidade de outros pontos, cujo conhecimento só na pratica de leccionar se adquire, incumbe aos que ensinam, porque só elles nos podem dar garantias de bom exito.

De anno para anno, paciente e persistentemente, devemos ir estudando e registrando o que a experiencia recommenda e, quando se julgar a occasião asada para mechermos na lei organica, introduzam-se-lhe então as modificações indispensaveis.

Assim, em vespéras de reforma, todos sabem de antemão o que ella nos vem dar, e deixará de haver surpresas desagradaveis, as quaes trazem sempre o professorado n'uma inquietação constante, inquietação que é um dos maiores cancos de que enferma o nosso ensino, não podendo os professores contar com o dia de amanhã, assim como hoje não contam com os recursos indispensaveis para mais proficuamente ensinarem, recursos estes, de que as reformas, feitas sob a inspiração de — nous avons changé tout cela — nunca se preoccupam.

Temos realmente uma grande reforma a fazer e é o acabar com o prurido reformador dos nossos legisladores, com esta instabilidade



O tenente-coronel Dias e a municipal

de que tudo se ressentente, estabelecendo as bases para que as reformas futuras, longe de trazerem a chancellaria, que lhes imprime uma vaidade, venham pensadas, sensatas, e anonyms.

L. F. MARREAS FERREIRA.

Resolveu Deus um dia ser escriptor.
Fez prosa: creou o homem. Fez poesia: creou a mulher.

MORENINHA

MUSICA DE OSCAR DA SILVA
POESIA DE CASIMIRO D'ABREU



Canto *Moderado*

Piano *mf* *dim.* *pp* *8^{va}* *Ped.*

Arç. Pina. *pp*

Mo-re-ni...nha, Mo-re...ninha, Tu és do campo a ra...inha Tu



A Ex.^{ma} Sr.^a
CONDessa DE PROENÇA A VELHA

cres. *dim. muito e alazando*

és se-nho-ra de mim, Tu és se-nho-ra de mim; Tu

cres. *dim.* *muito e alazando*

a tempo *cres.* *dim.*

ma...tas to-dos d'a móras, Fa...cei...ra ven-dendo as flô-res Que co...lhes no teu jar...dim, Qu

a tempo *cres.* *dim.*

muito *espressivo*

co...lhes no teu jar...dim. Tu és mei-ga és in...no cente Como a ró...la que con...ten-te

muito *dôce*

Tempo!

Voa e folga no ro...sal En...vol...ta nas simples galas, Na voz no riso, nas fallas, Mo...

cres. *dim.* *8^{va}* *Ped.*

re-na não tens ri...vall Mo...rena não tens ri...vall

cres. *com o canto* *dim.*

Alexandre da Conceição



amillo Castello Branco, em uma carta ao director das *Novidades*, começava dizendo: «Creio que já ninguém se lembra hoje de Alexandre da Conceição, fallecido ha quinze dias. Recordo-me eu com saudade,» etc.

Escrevia isto o extraordinario prosador em 24 — outubro — 1889, como traduzindo o pensamento do conceito francez: *ten morts tout vite*.

O que diremos hoje, 17 annos volvidos sobre a morte d'aquelle de quem Camillo sentia a saudade?!

Quem se recorda hoje de Alexandre da Conceição?

Recordo-me eu, d'aquelle excellente amigo, despertando-me a saudade d'elle a leitura do recente livro do sr. Candido de Figueiredo, *Figuras literarias*.

Estes livros são bons para todos, acentuam o respeito pelos que semearam, de boa fé, no campo das letras; mas também são maus para quem já dobrou o equador da vida. N'este livro, por exemplo, estão por lá alguns amigos meus sepultados.

Adiante.

Não venho fazer estudo critico do artista de quem particularmente me proponho falar. Descance o leitor. Nunca me metti n'essas andanças para o que é indispensavel muito saber e faculdades proprias, que não possuem todos os criticos profissionais, substituindo a critica que sabe integrar tal obra na Arte ou na Literatura do seu tempo, pelas impressões pessoais... e muitas vezes desapiedadas.

Não. Darei apenas um ou outro traço da sua individualidade, antes de frisar o ponto capital e geralmente desconhecido, d'es e escripto: o vaticinio por elle proprio feito da sua morte.

Foi ainda Camillo que disse d'elle no *Cancioneiro alegre*:

«Conheci-o imberbe, azevieiro e alegre como o pardal lascivo nas alvoradas de abril. Era d'um cenaculo de rapazes portuenses que tinham muito talento e se entre-queriam com um amor de camaradas que já hoje, a esta hora alta da civilisação pelo egoismo, se nos alligura um sentimento absurdo, uma pieguice selvagem de povos incultos.»

... Alexandre da Conceição cantou o amor, cantou *Stello*, um poemeto que parece de Musset ou Heine.

Das *Alcoradas*, o livro de poesias da sua fase romantica, tiramos este sentido e delicadissimo epitafio:

NO TUMULO DE UMA CRIANÇA

Passou como nas harpas da floresta
passa á tarde a brisa do Occidente,
passou como nas aguas da corrente
passa o lyrio que o vento arranca á leiva;
passou como nas auras um perfume,
sem deixar mais vestigios que a saudade,
passou, rosa de um dia, á immensidade,
a procurar em Deus a eterna seiva.

«A politica democratica (commenta o sr. C. de Figueiredo), o teodolito da sua profissão, os cuidados de familia e as luctas da vida afrouxaram os laços que o prendiam ás musas, e, dentro em poucos annos, ninguém falava dos seus versos.»

O proprio poeta dizia de si, mais tarde:

Como um Prometheu maldito,
Tenho a vida acorrentada
N'uns dias ao teodolito,
Nos outros á papelada.

Almôço plan'as e alçados,
Luncho perfis transversaes,
Janto cubos e quadrados,
Ceio empreitadas geraes.

Se durmo, sonho com pontes,
Se vélo, penso — é incrível! —
Nas fórmas que teem os montes
Postos em curvas de nivel.

Não obstante, a sua homenagem poetica A *Camôes* na glorificação do tricentenario, foram talvez as estrofes que mais larga vibração tiveram por esse paiz fora, em toda a alma portugueza.

«A pé, geração nova, a pé para a saudade»

bradava elle.

Vencido o poeta na lucta da vida, entrava em acção o prosador, o critico positivista, na Arte e na Sociologia.

A sua prosa mascula é conhecida ainda da gente do seu tempo. E' ler o seu livro *Essaios de critica e de litteratura*. O quadro — *A calçada de Aljajares* — é um modelo no genero descriptivo. Certo classico nosso, legistrou: «com a materia conrem casar o estylo.» Nunca este preceito foi espontaneamente mais bem respeitado. Ao temperamento violento e fortemente accentuado de A. da Conceição agradou aquella «paisagem unica pela brutalidade funambulesca e pela selvageria do capricho.»

Foi a proposito d'este trecho e d'alguns outros que eu lhe observei:

— Você, por vezes, escreve como escreveria um leão.

D'um outro prosador, Fialho d'Almeida (digo eu agora), ha trechos que cortados a meio vertem sangue, tal é a pujança de vitalidade com que a sua prosa por vezes é gerada. Não trato de vernaculidade E' notado como elle chega a... abusar. Exemplo: a conhecida frase ingleza *struggle for life*, uniu elle em um substantivo, para o adjectivar grafica e fonologicamente á portugueza *struggle-for-lai-fico!* (*Livro prohibido*).

Inaudito!

Isto é... *lai-fico* de mais. Todavia, como estas extravagancias são opulentamente resguardadas pela originalidade das ideias, etc., etc.

De A. da Conceição, como critico, ha um facto, talvez não de todos conhecido, e que é das maiores glorias que pode conquistar quem se mette a julgador. Foi obedecendo a uma observação d'elle que Eça de Queiroz modificou o fecho primitivo d'*O Crime do Padre Amaro*. O, entre nós, extraordinario romancista, convencido pelo critico, de que, um pae afogar o filho, embora para occultar um crime, não é natural em quem não seja um perverso, um degenerado, eliminou esta aberração.

A última vez que o vi foi, encontrando-nos casualmente no comboio da linha ferrea do Norte. Elle, por motivo da sua commissão d'engenheiro na provincia da Beira-alta, vinha da cumiada da serra do Caramulo. Encantado ainda do vigor e da graça da natureza da serra e dos seus horizontes a perder de vista, exclamava: — «Admira-se sómente a Serra de Cintra. Subamos ao Caramulo!...»

Durante o andamento do comboio eu, sem acertar qualquer dito com geito, ia observando n'elle o rosto cavado e sombrio, n'uma taciturnidade que me incommodava. Isto era na primavera de 1889. Da memoria não se me desprendia o presagio d'elle sobre o acabar da sua existencia, em uma carta que me dirigiu para a ilha de S. Miguel alguns annos antes e á qual evitei referir-me. Iamos ambos oprimidos, e eu até (quem o diria!) impaciente por nos separarmos. No rosto d'elle, virado á paisagem, pareceu-me ver, em certa altura da jornada, descer uma lagrima.

Eu seguia para o Porto e elle para Vizeu. Foi então, quando se aproximava o momento do abraço da despedida, que lhe perguntei, n'um desafoço:

— Que tem você, Conceição?

— Que tenho? Tenho seis filhos.

Separou-se. Não mais o vi nem ouvi.

Não era somente a preocupação do encargo de pae que moralmente o trazia abatido; era mais e peor. A morte avisinhava-se d'elle e o que possuia para legar ás queridas orfãs pouco mais era do que o seu orgulho, que celebrou:

«És louca! Sabes lá que orgulho é este
do homem que a si só deve o que vale
e o que espera valer!»

A Morte, porém, não o encontrava desprevenido. E com que introspecção! com que presciencia elle a entrevista ao longe!

De Sousa Martins conta-se, que previu o desenlace fatal da doença que o minava com uma exactidão notavel mesmo entre os collegas; e Mariano Level, na ultima visita em que o procurei em sua casa, marcou o prazo da sua morte para trinta dias depois; e assim foi.

Eram, porém, ambos medicos e Alexandre da Conceição era engenheiro. Leia agora o trecho citado da carta para S. Miguel, onde esteve onze annos (1876-87).

— «Você tem tenção de deixar ali os ossos? Porque não vem para o continente?»

«O Guilherme (d'Azeredo), como você deve saber, foi para Paris ser correspondente da *Gazeta de Noticias*, do Rio. Faz cá falta aquelle *blagueur*. O Junqueiro regressou ha dias de Paris, mas supponho que algum tanto arruinado de saude. Se você se demora por ali muito, na terra dos Medeiros, ao regressar não encontra ninguém conhecido. Eu creio que estou também ferido por uma doença, que me consentirá oito annos de vida, nove quando muito. Até lá quero ver se consigo desacreditar-me bem desacreditado, embora me não entrem em sagrado (*referia-se á sua lucta de livre pensador*).

«Estou hoje muito funebre e por isso ponho aqui ponto.»

Este vaticinio escripto na Figueira da Foz em data de 14 — outubro — 1880, tornava-se em triste realidade, no dia 11 — outubro — 1889. Alexandre da Conceição succumbia a uma laringo-bronchite, cinco dias antes de completar 47 annos d'idade.

Viagens de Gulliver

CAPÍTULO III

Maneira singular como o auctor dizerte o imperador e os grandes de ambos os sexos, — Descrição das diversões da corte Lilliput. — Condições em que o auctor é posto em liberdade.

Quiz um dia o imperador dar-me uma diversão um tanto espectacular, em que estes povos excedem todas as nações que eu vi, quer na agilidade, quer na magnificência; nada, porém, me agradou mais do que ver os dançarinos de corda fazerem volteios n'um fio tenuíssimo de tres palmos e onze pollegadas de comprido. As pessoas que executam este exercicio são as que aspiram aos grandes empregos e anseiam pelos applausos da corte; para tal fim se dão a esse nobre exercicio desde a infancia, por ser o que mais convem aos individuos d'alta estirpe. Quando vaga um emprego importante, quer por effeito da morte de quem o exercia, quer por ter incorrido em desagrado (o que se dá muitas vezes), cinco ou seis pretendentes ao logar requerem ao imperador consentimento para divertirem sua magestade e a corte com uma dança na corda, provendo-se no emprego o que saltar mais alto e não cair. É frequente ordenar-se aos altos magistrados que dancem tambem na corda, a fim de mostrarem a sua habilidade e para que o imperador fique sabendo que não perderam as suas aptidões. Flimnap, thesoureiro-mór do imperio, passa por ter a habilidade de dar uma cabriola na corda uma pollegada mais alto que nenhum outro ma-



Em flagrante. — Por essas ruas

gnate do imperio; vi-o varias vezes dar o salto mortal (que nós chamamos *somerset*) n'uma taboinha presa à corda, a qual não tinha mais grossura que um barbante.

Estas diversões são a causa de frequentes desastres funestos; a mór parte dos quaes estão registados nos archivos do imperio. Eu proprio vi dois ou tres pretendentes ficarem aleijados; o perigo é muito maior quando os ministros recebem ordem de patentear as suas habilidades; porquanto fazendo extraordinarios esforços para se excederem a si mesmos, e para comprometterem os outros, caem quasi sempre desastrosamente.

Afirmaram-me que um anno antes de eu chegar teria com certeza Flimnap partido a cabeça n'uma queda, se um dos primos do rei lhe não acudisse.

Ha uma outra diversão privativa do imperador, da imperatriz e do presidente de ministros, a qual consiste no seguinte: colloca o imperador em cima de uma meza tres fios de seda, separados uns dos outros e de seis pollegadas de comprido; um é de cor carmesim, o segundo amarello e o terceiro branco. Os referidos fios constituem premios a quem o imperador quer distinguir com uma prova singular da sua magnificência.

A cerimonia realisa-se na sala de audiencias de sua magestade, onde os concorrentes são obrigados a offerecer provas da sua habilidade como eu nunca vi nada semelhante em nenhum outro paiz do antigo ou do novo mundo.

Empunha o imperador o bastão com as duas extremidades parallelas ao horisonte, enquanto os concorrentes, adeantando-se successivamente saltam por cima do dito bastão. Algumas vezes segura o imperador uma das extremidades e o presidente de ministros a outra; e tambem acontece que o ministro o segura sózinho.

Aquelle que alcança maior exito e mostra mais agilidade e leveza no salto é recompensado com a seda carmesim; a amarella é dada ao segundo, e a branca ao terceiro. Os alludidos fios de que fazem

talabarte, servem-lhes de ostentação, e, distinguindo-os do vulgo, enchem-os de prosapia.

Tendo um dia o imperador ordenado a uma parte do seu exercito, aquartelada na capital e arrabaldes, que estivesse prompta à primeira voz, quiz deliciar-se d'um modo bem singular. Mandou-me estar immovel como um colosso, com os pés afastados um do outro quanto eu pudesse distanciá-los sem incommodo; depois ordenou ao seu general, velho capitão experimentado, que dispozesse as tropas em



Em flagrante. — Por essas ruas

linha de batalha, fazendo-as passar em revista por entre as minhas pernas, a infantaria a vinte e quatro de fundo e a cavallaria a dezeses, os tambores rufando, bandeiras desfraldadas, e as lanças em continencia. Os referidos corpos compunham-se de tres mil homens de infantaria e mil de cavallaria. Fez saber sua magestade a todos os soldados, sob pena de morte, que observassem comigo durante a marcha o maximo rigor da ordenança, o que todavia não impediu que alguns officiaes mais novos levantassem a vista ao passar por debaixo de mim. E devo dizer a verdade, era tal o mau estado dos meus calções, que desataram a rir.

Apresentei ou dirigi tantos memoriaes e requerimentos pedindo a minha liberdade, que o soberano por fim expoz o assumpto primeiro á meza do desembargo e depois ao conselho de Estado, onde apenas encontrou opposição por parte do ministro Skyresh Bolgolam, que sem nenhum pretexto entendeu manifestar-se contra mim; os restantes membros do conselho, porém, foram-me favoraveis, e o



Em flagrante. — Por essas ruas

imperador conformou-se com o seu parecer. O mencionado ministro que era *galbet* — quer dizer almirante — conquistara a confiança de seu amo por ser habil nos negocios publicos, mas tinha um genio brusco e excêntrico.

Conseguiu elle que os artigos concernentes ás condições em que eu devia ser posto em liberdade fossem redigidos pelo seu punho. Foi Skyresh Bolgolam quem pessoalmente me apresentou aquelles artigos, acompanhado de dois sub-secretarios e varias pessoas de

distinção. Disseram-me que promettesse observá-los, sob juramento prestado primeiro conforme o uso do meu paiz, e depois pela forma determinada nas leis d'elles, o que consistiu em conservar o artelho do meu pé na mão esquerda e collocar o dedo grande da mão direita no alto da cabeça e o pollegar na ponta da orelha direita. Como, porém, o leitor pode ter curiosidade de conhecer o estylo na dita corte e bem assim os artigos preliminares do mandado de soltura, fiz uma tradução de todo o documento palavra por palavra:

«GOLBASTO MOMAREN EULAMÉ GURDILO SHEFIN MULY ULLY GUÉ, mui poderoso imperador de Lilliput, delicia e terror do universo, cujos estados se dilatam cinco mil *blustrugs* (isto é, cerca de cinco leguas em redor) até as extremidades do

das extraordinarias, terá o dito «homem Montanha» de o levar no bolso seis dias, durante cada lua, tornando a pôl-o são e salvo na nossa presença, se assim lhe fór requerido.

6.º Será nosso aliado contra os nossos inimigos da ilha de Blefescu, e fará quanto estiver na sua mão por destruir a armada que elles estão apparelhando para invadir as nossas terras.

7.º Ajudará, quando tiver vagar, os nossos pedreiros a levantar certas pedras grandes, para se acabarem os muros do nosso parque e outros edificios imperiaes.

8.º Promettendo e jurando o dito «homem Montanha» cumprir e guardar as condições dos artigos acima declarados, receberá todos os dias uma ração de comida e bebida equivalente á de 1874 vassallos nossos, e terá livre entrada perante a nossa imperial pessoa, com outras demonstrações do nosso favor.

Dado no nosso Paço de Belfaborac, aos doze dias da nonagesima primeira lua do nosso reinado».

Prestei juramento, cheio de jubilo, e assignei todos estes artigos, ainda que um ou outro, devido á astucia de Skyresh Bolgolam, não fosse tão honroso quanto eu desejava.

Tiraram-me as cadeias e deram-me a liberdade na presença do imperador, a quem agradeçi, lançando-me humildemente aos seus pés, mas elle logo com toda a gentileza mandou que me levantasse.

No ultimo artigo do documento promettera o imperador dar-me cada dia a ração para o sustento em igual tempo de 1874 lilliputianos.

Explicarei esta circumstancia para mostrar o notavel bom senso



Em flagrante. — Por essas ruas

globo, soberano de todos os soberanos, mais alto que os filhos dos homens, cujos pés opprimem a terra até o centro, e cuja cabeça toca o sol, de quem um relancear d'olhos faz tremer os joelhos dos potentados; carinhoso como a primavera, bello como o verão, prodigo como o outono, terrível como o inverno; a todos os nossos amados e fieis subditos, — saude. Sua Altissima Magestade propõe ao «homem Montanha» os artigos seguintes, dos quaes como preliminar será obrigado a fazer a ratificação por juramento solemne:

1.º O «homem Montanha» não sairá dos nossos vastos Estados, sem nossa licença dada por escripto e marcada com o nosso sello grande.

2.º Não terá liberdade de entrar na nossa capital, sem expressa ordem nossa, para que duas horas antes se avisem os babitantes, a fim de recolherem a suas casas.

3.º O dito «homem Montanha» limitará os seus passeios nas nossas principaes estradas publicas, abstendo-se de passear ou de deitar-se em qualquer prado ou seara.

4.º Quando passear pelos ditos caminhos terá o maior cuidado que pudér em não esmagar com os pés algum dos nossos fieis vassallos, nem os seus cavallos, ou carruagens; e não pegará em nenhum vassallo nosso, sem elle lhe dar primeiro consentimento.

5.º Se fór necessario que algum correio do gabinete faça jorna-



Em flagrante. — Por essas ruas

d'aquella gente e a economia sabia, exacta, e perspicaz do imperador. Foi um dos cortezãos, meu particular amigo, que me deu a razão d'aquella quantidade. Os mathematicos de sua magestade, tomando a minha altura com um quadrante e calculando a minha grossura, haviam achado a proporção de 1874 entre o corpo d'elles e o meu, inferindo portanto que a minha vontade de comer seria 1873 vezes maior que a de qualquer d'elles.

JONATHAN SWIFT.



LOUZÁ. — Vista geral

ARREDORES DE LISBOA



Torre de S. Julião da Barra

Os Jeronymos

Segundo o que se lê na *Chronica de el rei D. Manuel*, de Damião de Goes, os alicerces do mosteiro dos Jeronymos foram feitos em redor da antiga ermida do Restello. Ouçamos o que diz o historiadôr.

«... esta capella se converteu no sumptuoso mosteiro, que no mesmo logar fundou el-rei D. Manuel, depois que Vasco da Gama tornou da India, o que certo é muito de louvar em el-rei, que com não ter mais conquistado da India, que saber que se podia ir a ella por mar, foi tanta sua fé em Deus, que como se já tivera ajuntado muitos thesouros da conquista d'ella, logo da sua propria fazenda mandou abrir os alicerces em redor d'esta capella, sobre os quaes se fez um dos grandes e magnificos edificios da Europa...»

—Damião de Goes, falando da porta principal dos Jeronymos diz:

«N'esta mandou el-rei pôr a sua imagem, de uma parte assentada em joelhos, em um setual coberto de vestidos roçagantes, e da outra banda, tambem em joelhos, em outro setual (setil, diz-se hoje), a rainha D. Maria sua mulher. Estas duas imagens são talhadas de vulto em pedra lioz, e os rostos ambos tirados assaz bem ao natural. De frente d'este edificio mandou el-rei fazer a torre de S. Vicente, que se chama de Bethelém, fundada dentro de agua, para guardã d'este mosteiro e do porto de Lisboa, edificio que ainda que em si não seja grande em quantidade, comtudo a estrutura d'elle é magnifica.»

—Tratando da porta da travessa fala assim da estatua do infante D. Henrique, que ainda ali se vê:

«A igreja d'este mosteiro tem duas portas, das quaes a da travessa que está contra a praia, é a maior e mais sumptuosa, na qual mandou pôr em pé, na columna do meio da porta, a imagem do infante D. Henrique, primeiro auctor d'estas navegações, talhada de vulto em pedra, armado com cota d'armas, e a espada nua na mão, alevantada para riba, do qual modo se affiguram todos os reis e principes que em pessoa se acharam em feitos de guerra e n'elles foram vencedores.»

... parece-nos que fica claramente demonstrado o facto da existencia da velha imagem de Nossa Senhora do Restello, que sempre acompanhou os Freires da Ordem de Christo, desde a sua ermida em Belem até ao templo da Conceição Velha, aonde está; que a igreja mandada construir por el-rei D. Manuel, ao sitio onde foi



Carcavellos. — Praia dos inglezes

(Clichs de F. de Lencoe).

a synagoga dos judeus era aonde esteve a primeira freguezia da Conceição e que recebeu do povo o nome de Conceição Velha, quando a mesma freguezia passou para a Conceição Nova; e que a actual igreja da Conceição Velha occupa, depois do terremoto de 1755, o logar aonde esteve o templo da Misericordia, mandado construir igualmente por el-rei D. Manuel, como claramente se vê da sua frontaria.

E se o historico e venerando templo de Santa Maria de Belem é digno de attenção e respeito por attestar aos vindouros as glorias da patria, nos aureos tempos do rei afortunado, a pequena igreja da Conceição Velha, que se encontra entallada entre a casaria pombalina da rua da Alfandega, tambem tem todo o direito a ser por nós venerada, por ser igualmente filha dos altos feitos de Vasco da Gama e por conter em si duas apreciaveis reliquias: a frontaria aonde se vê el-rei D. Manuel, de tarnanho natural, e a familia real em adoração á Virgem Mãe de Deus; e a imagem da mesma Virgem, que, em 1497, assistiu na sua ermida do Restello á partida da expedição para a India, e que sobre ella lançou a sua benção.

FARIA E SILVA.



Praia de Algés

Feias e bonitas

Não ha mulheres feias nem mulheres bonitas. O capricho do homem, conforme o paiz onde vive, é que faz da mulher uma divindade ou uma deformidade. Effectivamente, lendo a historia dos povos, contemplando os seus costumes, os seus gostos com respeito ao que se chama formosura ou fealdade, vê-se que, em quanto n'um paiz se crê que a belleza consiste no conjunto de taes ou quaes attributos, em outros essa mesma belleza, ou como queiram chamar-lhe, precisa reunir condições litteralmente oppostas.

A illusão, pois, do homem ácerca das pessoas e cousas é que faz classificar-as de feias ou bonitas.

E senão, vejamol o:

Qual das minhas bellas leitoras (ou leitores) acreditará que as mulheres de nariz curto, achatado, são as mais formosas da Persia? Pois é uma verdade; tanto que a gente d'aquelle paiz, as pessoas gradas, quando lhes nascem filhos, a primeira cousa que fazem, é esmagar-lhe o nariz. O nariz grande, e não é necessario ter as dimensões do do Valentim do café Martinho, entre as persas é signal de fealdade e de gente ordinaria.

E aqui está como qualquer das nossas meninas que, por ter o nariz muito pequeno, acaso se julgue feia, pode tornar se formosa de um momento para o outro, só com, sem dar cavaco a ninguém, passar a residir na Persia.

E com os olhos succede o mesmo. Nós gostamos dos olhos pretos e rasgados (gosto nacional; eu tanto gosto de uns como de outros), ao passo que na China os olhos redondos, cõr de chocolate, abertos a canivete, a saltar das orbitas, eu sei! são os que mais agradam, os que fazem furor.

Na Ethiopia gostam das bõcas grandes, e quanto mais se aproximem das orelhas mais bonitas as consideram; para nós uma bõca pequenina, com uns labios carminados, é o ideal.

Aqui na peninsula as mulheres gordas não são as que mais encantam; não são as Venus que inspiram. Na Turquia uma mulher gorda é uma formosura; as gorduchas ali são as que fazem as revoluções... em todas as almas, e o desejo de se transformarem em toneis leva-as a ponto de comer mais que um Heliogabalo e de não tocar n'uma palha. Na China dá-se inteiramente o contrario: uma chinesa que seja magra, muito delgada, com um corpo flexivel como um junco, uma cintura que se abraçe com a mão, e um pé leve, aereo, pequenissimo, é uma mulher perfeitamente bella.

Entre nós as orelhas grandes são comparadas a orelhas de burro; no Egypto e na India as orelhas muito compridas, estiradas, a tocar no hombro, teem um valor inestimavel. Muitos indios



Idyllo

enamoram-se perdidamente das mulheres que podem abanar-se com as orelhas.

Alguns povos da America teem por elegancia requintada as pinturas nos braços, na cara, em todo o corpo; figuram diabos, guerreiros, animaes, circulos, estrellas, mil caprichosas linhas.

Entre nós (por fortuna) apenas algumas deidades se pintam com alvaiade e carmim, ou se branqueiam com pó de arroz para parecer mais formosas, ou para conservar a cutis (como ellas dizem).

Pelo que fica exposto vê-se que a idéa do bello e da formosura não é igual em todos os homens.

A esthetica varia muitissimo com as distancias e o clima. Por isso não ha nenhuma creatura do sexo amavel que possa chainar-se feia ou bonita em absoluto; pois basta que uma mulher, tida por formosa, transponha um certo espaço, para passar desde logo ao rol das feias. As nossas damas seductoras, as nossas meninas de olhos ternos

e fascinadores, nariz regular ou aquilino, boca pequena, labios rosados, cutis transparente, cabello preto, louro ou castanho, sorriso meigo, olhar amoroso, não devem illudir-se e desvanecer-se da sua belleza, porque se as levarem á China por exemplo, deixarão de ser bellas; e como não, se ellas não teem os olhos abertos a canivete e a sair-lhes das orbitas?!

Mas é uma verdade pratica que nenhum dos povos citados trocaria os seus typos de mulheres pelos nossos, nem nós os nossos pelos d'elles.

E é tambem verdade que ha attractivos...

O homem enamora-se da mulher, não só pela sua belleza physica, senão pelos thesouros que ella encerra no seu coração, pelos seus sentimentos, pelo seu amor, pela sua virtude.

A mulher, por seu lado, não só deve apreciar o homem pelos seus attractivos pessoais, mas por suas qualidades moraes. O talento é a melhor belleza do homem, a honradez a sua melhor riqueza, o seu trabalho e actividade o grande attributo que o torna senhor na sociedade e rei na criação. E essas qualidades moraes, esse sentimento, essa verdade, esse talento, essa honradez, não variam com as distancias, nunca envelhecem, nunca seccam, porque são flores de todo o tempo e de todo o lugar; são as flores da alma que tocam com o pé na terra e com a corolla no céu.

FRANZ.

Estado primitivo da India

O estado da India foi ganho com muita verdade, fidelidade, liberalidade, valor e esforço: ora vêde se o estado em que está não é pelo contrario d'estas cousas. Aqui me cai a proposito um dicto mui avisado de um rei de Cochim; o qual vendo ir aquelle estado peiorando disse "Logo elle começara a decahir, tanto que de Portugal deixaram de vir estas tres cousas, verdade, espadas largas e portuguezes de ouro."

Ora quero mostrar a vossas mercês, como da falta d'estas cousas nasceram todos os males da India. Vamos á primeira, que é, verdade: as verdades com que este estado se ganhou, foram visos embarcados, armas vestidas, fazendo guerra aos inimigos, accrescentando o patrimonio real, e enriquecendo o estado e os vassallos; e senão, vede como esteve a India no tempo dos que seguiram estas verdades, que foram D. Francisco de Almeida, Affonso de Albuquerque, e todos os mais visos-reis e governadores até Jorge Cabral e ainda quero dizer até D. Constantino; mas depois que se deixou de usar d'esta verdade, e que ella se perdeu,

aconteceu aos visos-reis e governadores aquillo que a Annibal; que enquanto andou, com as armas vestidas, pelos exercitos, dormindo nos campos em um coiro de boi, que era a sua cama mimosa, conquistou toda a Hespanha e Italia, e ainda lóra senhor de Roma e do mundo todo, se seguira sempre esta verdade; mas depois que a perdeu e se recolheu ás delicias de Capua, e depoz as armas, logo tornou a perder, quanto em tantos annos tinha ganhado.

Por certo que desejo ver resuscitado aquelle bom rei D. Manuel, e com elle um d'aquelles soldados veteranos com que a India se conquistou, com uma barba pelos peitos, um pelote pelo joelho, uns musgos cortados, uma crangia ao peito posta em um murrão, uma chuça ferrugenta nas mãos, ou uma bêsta ás costas, e, a par d'elle um dos soldados d'este tempo, com uma capa bandada de velludo, coura e calções do mesmo, meias de retroz, chapeu com fitas de ouro, espada e adaga dourada, barba rapada, ou muito tosada, topete muito alto: parece-me que tornaria aquelle bom rei logo a morrer de nojo e que poderia pedir conta aos reis seus successores, de se descuidarem tanto nas cousas da India.

... Pois que descuido é não se attentar este negocio e não haver um visos-rei que se ponha á testa da soldadesca para todos o seguirem, e querer parecer capitão, para todos quererem parecer soldados? que esta é a segunda cousa que aquelle rei de Cochim dizia "que não vinha do reino, n'aquella comparação das espadas largas.

... A terceira cousa que dizia aquelle rei de Cochim; "que já não vinham do reino Portuguezes de ouro, era moeda com que então se fazia a carga de pimenta; e estimada de todos os reis da India, que d'ella faziam seus thesouros; e assi depois que n'aquelle Estado entraram moedas estrangeiras, logo elle começou de decahir; porém eu cuido que aquelle rei o não dizia pelos portuguezes de ouro, senão por que os soldados d'aquelle tempo, capitães, e visos-reis eram tidos ouro na verdade, ouro na liberalidade, ouro na valor, ouro no primor, ouro no esforço.

1790

DIOGO DO COUTO.



Oihão. — Igreja matriz

Para quê?

(Inédito)

Quando Ella passa em estremeço e córo
e Ella segue impassível, em socego!
Mostra-me sempre o mesmo desapego,
O mesmo gelo, a mim, que nada imploro!

Eu não chorava as lagrimas que choro,
Nem Te negava a força que Te nego,
Se antes de vel-a me fizesses cego
P'ra não soffrer, Senhor, quanto hoje a adoro...

Para que tenho os olhos, se não vejo?
Para que a amo se o amor é esquivo?
Para que tenho os lábios, se não beijo?

Para que vibra o azul, se o não percorro?
Para que tenho vida, se não vivo?
Para que existe a Morte, se não morro?

Horta, Novembro 1888-906.

Manuel Rosa.

Theatros

D. Maria — Affonso d'Albuquerque. — **D. Amélia** — As viagens de Gulliver.
— **Gymnasio** — O Padre Antonio. A Senhora da Paz. — **Trindade** —
Avenida — Rua dos Condes — **Principe Real** — **Colyseu**
dos Recreios — **Grande Casino de Paris**.

Este numero do *Brasil-Portugal* para entrar na machina aguarda apenas a nossa primeira impressão sobre a peça e o desempenho a que acabamos de assistir. A peça é de Lopes de Mendonça e este nome basta a indicar que a representação d'ella seria um acontecimento do theatro portuguez.

Um drama historico com o titulo de *Affonso de Albuquerque*, e a interpretação d'esta collossal figura confiada ao talento e á arte de Brazão, eram motivos de sobra para o theatro de **D. Maria** marcar a noite de 29 de dezembro entre as que se celebrisam por espectaculos sensacionais. Sentimos que nos escasseie o tempo e o espaço a ponto de nos permittir apenas o fixar n'esta columna uma impressão rapida e fugitiva.

Impossivel em taes condições fazer a critica que o drama requer. Permitta-se-nos, por conseguinte, fazer apenas o resumo do que pensamos, e é que o *Affonso de Albuquerque* é obra de vasto folego litterario e theatral, que a vida gloriosa do heroe da Índia é posta em foco com um poderoso relevo, que a intriga da corte de Lisboa, que lhe torturou os ultimos dias, tem uma exacta e viva reprodução nos versos do poeta, e que o 3.º acto, pelo vigor dramatico, e o 5.º, pela corrente de sentimento que o atravessa, são os melhores, os mais bellos, os grandes actos d'essa peça historica.

N'uma caracterisação admiravel de'n Eduardo Brazão a figura grandiosa do heroe, e justo é confessar que toda a grandeza d'essa alta figura, que esmagaria qualquer artista que não tivesse os recursos d'este, não ficou reduzida nem apocada na interpretação que elle lhe deu, antes resaltou vivida e brilhante nas grandes e nas delicadas situações do drama. A linha epica, a severidade, a rizeja do character, o amor patrio, e de quando em quando os traços affectivos e singelos, todas as qualidades que caracterisam essa nobre figura de portuguez, tem vida e intensidade no artistico trabalho de Brazão, que na formosa scena do 3.º acto com Carlos Santos e Dellina Cruz, e em todo o ultimo que vae até á morte, feito com uma sobriedade commovedora e empolgante, se revelam mais vez o grande artista que é.

O outro papel desempenhado a primor é o da bailarina, que bastaria para provar todos os recursos de Adeline Abranches. No padre, Mello é o actor correctissimo de sempre, Ferreira da Silva no moiro mostra uma subida comprehensão do personagem, tão difficil de reproduzir, excellento o trabalho de Joaquim Costa, Dellina, a filha da bailadeira, é uma encantadora ingenua, Carlos Santos apresenta um dos seus melhores trabalhos, Maia correctissimo tambem, e todos esmerando-se em tornar o desempenho de *Affonso de Albuquerque* digno do assumpto e do auctor.

A peça está posta em scena com riqueza e propriedade, e o scenario, pintado por Augusto Pina, reproduz com fidelidade paisagens e cidades da Índia. Tudo isso, por conseguinte, elevou ás proporções de um acontecimento a representação do drama de Lopes de Mendonça.

D'esse drama destacamos o seguinte trecho, ao mesmo tempo vibrante e commovedor:

3.º ACTO — SCENA 1.ª

ALBUQUERQUE (*erguendo a cabeça*)

Frei Domingos, mercês! Bem ouvi; mas por certo
Da' tein que me envolve a aranha não está perto.

(*Vae baixando a voz gradualmente até falar quasi em segredo.*)

Os tentaculos sinto aqui, mas em Lisboa
Oh! silencio! — a cabeça ergue a regia corda!
E eu podia talvez, sem tremendos obstaculos,
Esvaír-lhe a cabeça e cortar-lhe os tentaculos! (*ergue a voz*)
Que de mim provem toda a luz que o illumina!
Do fundo do Mar-Roxo aos extremos da China
Um só nome enche a terra, um só nome enche o mar,
Albuquerque! Dizei se os echos do palmar
Ou as vozes do Oceano amortecem a fome
No nome de Manuel, triste, apagado nome!
Persas, chinas, hindus, mouros, rumes... eu sei!
Só atravez do meu conhecem o do rei!
Quando eu queira adensar minha alma transparente
E ser, como Alexandre, o imperador do Oriente,
Esse pobre phantasma, o rei de Portugal,
Dissipa-se no meu sol, como sombra casual!



Actor Eduardo Brazão

Protagonista da nova peça historica «Affonso de Albuquerque»,
de Lopes de Mendonça

DOMINGOS (olhando para o fundo)

Cautella!

MESTRE

É já sabido : esta noite arde em febre,
E eu em raiva.

ALBUQUERQUE

Mas não! nada ha que emfim me quebre
A lealdade innata. Embora me persiga,
Nas fracas mãos vibrando o latego da intriga,
El-rei de Portugal é meu rei, meu senhor,
E á minha terra voto o mais profundo amor!
Na regia letra, julgo, enternecido velho,
Beijar o solo patrio!

Quiz a empresa do **D. Amelia** provar que Lisboa podia rivalizar com Londres no gosto, na ostentação, no brilho e no luxo com que uma peça pode ser posta em scena. Tinha a *Venus* sido a primeira tentativa, era preciso completal-a, levar mais longe ainda a combinação artistica das côres, o deslumbramento do scenario, a riqueza do guarda roupa.

E, de facto, para esta extranha exhibição não ha peça que tão á maravilha se preste como *As Viagens de Gulliver*.

Não porque a acção interesse demasiadamente ou empolgue o espectador, não porque a veia satyrica de Swift tenha hoje a mordacidade caustica que ha cerca de duzentos annos tanto incommodava os seus compatriotas, mas porque essas viagens atravez do maravilhoso, esses mundos desconhecidos, essas situações phantasticas e imprevisitas, essa corrente de magica que atravessa a peça inteira, dá azo ás mais arrojadas concepções, tanto do scenographo, como do *costumier*, como do electricista, de todos os que contribuem para aquelle resultado tão artistico e tão brilhante.

A verdade, porem, é que uma empresa que não fosse tão arrojada, e ao mesmo tempo tão conliante no publico, não exhibiria em paleo portuguez uma peça tão dispendiosa, e por isso mesmo tão arriscada.

É certo que ella apparecia cercada de elementos qual d'elles mais forte e mais recommendavel: o nome da peça era já um titulo consagrado; Eduardo Garrido era o escriptor a quem a empresa conliara a sua adaptação, e não ha ali nome que n este genero theatral offereça maior garantia de exito, firmada n uma existencia quasi dedicada ao theatro, n um estudo aturado da scena e do publico, de uma pericia *sui generis* em encontrar a phrase theatral mais propria, de uma inexgotavel fecundidade em crivar de graciosos trocadilhos todas as scenas que constituem um trabalho litterario d'este

Onde canta o rouxinol



O acrostato dos... barytonos

genero; os quadros scenographicos vinham todos com a firma Paquerneau; todo o guarda roupa assignavam-n'o os nomes, famosos na especialidade, de Pasean e Granier; eram devidos a Carancini os quadros de mais potente colorido; o maestro Capitani escrevera-lhe e

Estudantes da Escola Medica



Festa em 17 de dezembro, no theatro da Trindade, em favor do cofre de subsidiõs a estudantes pobres

Estudantes que tomaram parte no espectáculo: — José Pontes, Augusto Carlos Pires Mascarenhas, João Maria Affonso, J. Padessa, Antonio Maria da Rocha, José Saraiva, Magno, Goalberto Vargas, Antonio Maria Cardoso, Baeta Neres, Carlos Godoy, João Bastõs Lopes, A. R., José Garrana, Antonio Farinha, Octavio Santos, Baptista Bragança, Henrique Avellar, Alberto Gomes, Antonio Coelho, Luz Preto, Brito Chaves. Para esta festa escreveram uma revista alegre, «Ao microscopio», os srs. C. Today e José Garrana, e compoz a musica o sr. Fernando Padua.

coordenara-lhe a musica, e, finalmente, no distribuição das figuras via-se bem que a empresa pozera grande parte de confiança no exito.

Basta saber que a Palmyra Bastos estava confiado o difficil mas gracioso papel de Arabella, que ella desempenhou por uma forma tão graciosa e fina como o personagem, que a figura de Gulliver a interpreta com um encanto e uma arte modelar o actor Alves, um dos poucos que progridem, que Alfredo de Carvalho, na sua comica feição característica logo *au premier abord* se oppoia do publico, e em summa que Setta, Josepha, Azevedo, Roldão, Raphael Marques, Etelvina Serra, Grijó, Oliveira Antunes Santos, Elvira Roque, e outros mais, dão á comedia de Swift — Garrido um desempenho primoroso. E isto sem falar nos triumphos da choreographia, n'esses encantadores bailados em que Berthe Strel imprime toda a sua arte e toda a sua pericia.

Mas como se tantos elementos não bastassem a empresa confiou a direcção artistica a Augusto Rosa, que já é mestre na especialidade, e os trabalhos de ensaiador a Pinheiro, que tão contente deve estar do exito obtido por *As Viagens de Gulliver*.

O que é certo é que uma peça posta em scena com este gosto e esta opulencia, bem que o assumpto não passe de um pretexto, vale tanto como qualquer outra obra de arte, uma bella comedia ou um pungente drama, porque nos encanta a vista, nos dá todas as cambiantes da cor, e, pela phantasia, nos satisfaz o espirito.

Outro original nos deu ainda a quinzena theatral: *O Padre Antonio*, em tres actos, que tem feito, ha umas poucas de noites, as delicias do publico do **Gymnasio**.

Seria uma injustiça atrocissima dizer que não tem vocação, e grande, para o theatro comico os auctores d'esta peça. O sr. Ernesto Rodrigues, que em *O Pae da patria*, tantas faculdades accentuára, escolheu d'esta vez outro collaborador, o sr. Xavier Marques, e da forma porque ambos se sahiram da empresa dil-o o publico de todas as noites, que sae do theatro com o ligado desopilado, depois de ter rido desallogadamente com tantas situações comicas, com um delicado embroglio e uma bella trapalhada de situações, de personagens, de peripecias, que por completo confirmam a vocação dos auctores.

Dois artistas dominam a comedia, da primeira á ultima scena: Valle e Joaquim d'Almeida, os dois falsos Padre Antonio, que d'estes papeis extravagantes tiram effeitos de gargalhada que parece eternisar-se.

Mas, não são elles só, os dois artistas tão queridos das plateias, é Jesuina, Soller, Machado e Alegirim, que todos elles dão ao desempenho de *O Padre Antonio* um bello conjunto, e cooperam no exito que a peça obtem todas as noites.

A comedia de Cypriano Jardim (*Visconde de Montesão*) tambem em scena no Gymnasio. *A senhora da paz*, não é nova, mas é como se o fosse, tal o agrado com que é escutada. E que ella pertence ao genero das que não envelhecem. O assumpto, bem typico, bem nacional, é o que no theatro se chama uma *trouvailla*, e a linguagem,

tão propria, tão cheia de observação, não é um achado inferior. Nem maior e mais justo elogio pôde fazer-se hoje de uma obra de theatro que já se representou ha alguns annos, e do nome que a firma.

Não temos novidades pelas outras casas de espectaculo. A **Trindade**, a **Avenida**, a **Rua dos Condes**, o **Principe Real**, resolveram, ao que parece, não tirar mais dos cartazes as peças que se não cançam de chamar gente todas as noites, e o **Colyseu dos Recreios**, escusado é dizer que com *Os comediantes de Mephisto* e as *Luctadoras* arranjou uma nova mina, em que ha de tudo: libras sterlinas, forças, milagres, ahs, ohs, admirações e espantos, todos os matadores, enfim, que const tuem o exito.

Mas, como ao publico de Lisboa parece não bastarem todos estes espectaculos, canta victoria tambem o **Grande Casino de Paris**, que tem todas as noites *au grand complet* o seu elegante salão de variedades.

JAYME VICTOR.



A FORMAÇÃO DO PROGRESSO

FRAGMENTO

..... Porém, o infinito que vê
O sitio onde remata a causa, e que não é
Senão uma elevada e lucida consciencia
Feita de immensidade e paz e paciencia,
Deixa, sabendo os fins e os meios que convem,
Muitas vezes o mal fazer-se com o bem.
Tal é a ordem profunda, obscura, mansa, altiva,
Que até no desmentido encontra a affirmativa.
Assim de Marco Aurelio o filho é um bandido
Foi assim que, hediondo, ante o homem surprehendido,
Com a permissão do ceu e com o Christo augusto,
Com a lei d'este santo e a morte d'esta justo,
Com estes paternaes conselhos tão suaves;
— Dá pão a quem tem fome, os outros não aggraves
Nem faças o que não quizeres que te façam —
Com esta lei na qual vida e perdão se enlaçam
Com dogmas taes, com tão beneficas idéas,
Loyolla fabricou suas sombrias teias —
— Negra aranha a quem Deus dava para tecel-as
Os fios da alvorada e os raios das estrellas! —

Versão de Jayme Victor.

Victor Hugo.



Colyseu dos Recreios. — As luctadoras